

Mulheres trabalhadoras terceirizadas do setor de limpeza na Universidade Federal de Pelotas

Caroline Cardoso da
Silva¹



**Outsourced
women workers in
the cleaning
sector at the
Federal University
of Pelotas**

¹ Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPel.
E-mail: card.karol@hotmail.com

Resumo

O presente artigo tem como finalidade explorar pontos da pesquisa sobre as trabalhadoras terceirizadas da limpeza atuantes na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), abarcando o período que vai de 2018, quando esta pesquisa se iniciou, até os últimos resultados encontrados no final do ano de 2020 e início do ano de 2021. Analisando o trabalho de campo e as entrevistas realizadas a partir da metodologia de história oral, as quais compõem o corpus documental de minha pesquisa de Mestrado em História, pode-se perceber que a terceirização constrói relações laborais que costumam não apresentar garantias de direitos trabalhistas e previdenciários, fazendo com que haja medo da realização de entrevistas. A pesquisa reflete sobre o setor de terceirização na UFPel e na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, no tempo presente, abarcando questões teóricas sobre os estudos de mulheres, história oral e mundos do trabalho.

Palavras-chave: Mundo do trabalho; História oral; Mulheres trabalhadoras.

Abstract

This article aims to explore points of research about outsourced cleaning workers working at the Federal University of Pelotas (UFPel), covering the period from 2018, when this research began, to the last results found at the end of 2020 and beginning of 2021. Analyzing the fieldwork and the interviews carried out through oral history methodology, which make up the documental corpus of my Master's Degree in History research, it can be seen that outsourcing builds labor relations that usually do not guarantee labor and social security rights, making them afraid to give interviews. The research reflects on the outsourcing sector at UFPel and in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul, at the present time, covering theoretical issues about women's studies, oral history and the worlds of work.

Keywords: World of work; Oral history; Working women.

Introdução e apontamentos teóricos

A mesma característica mágica que faz com o que os historiadores se apaixonem pela pesquisa usando a Metodologia de História Oral, é o atributo que faz com que os mesmos historiadores tenham muitas dores de cabeça. Lidar com pessoas é um desafio por si só. Quando nós, historiadores e pesquisadores, entramos em contato com alguma pessoa e possível narradora ou depoente, estando nessa posição de pesquisador, automaticamente ocupamos um papel que tende a nos distanciar e nos diferenciar. Há uma carga em se identificar como “pesquisador”, pois sendo assim, ocupamos um lugar de poder e de *status* social que, em alguns momentos, pode nos ajudar, mas, na minha opinião², penso que mais atrapalha.

Minhas crises em relação às entrevistas é algo sabido por quem convive ou conviveu comigo por algum período nos espaços da faculdade, mesmo que minha primeira experiência, que ocorreu no ano de 2016, tenha sido muito além do esperado para uma iniciante, quando entrevistei Seu Rodolfo, um imigrante uruguaio vendedor de lanches que trabalha no entorno dos prédios do Campus Porto da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Já nessa época eu tinha interesse em ouvir e construir narrativas sobre as experiências de vida e de trabalho das pessoas, mas essa entrevista foi muito além, visto que o narrador contou situações que viveu na década de 1980 sobre uma cidade de Pelotas dos anos dourados (quando havia uma efervescência cultural e artística) experiências muito ricas e interessantes, para além da sua trajetória enquanto um trabalhador autônomo do ramo de lanches.

Já a experiência com o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) me deixou com inseguranças que, infelizmente, acabam refletindo em todo meu trabalho e desempenho acadêmico até os dias de hoje, mesmo que o TCC tenha sido defendido em 2018. Houve problemas em conseguir realizar entrevistas gravadas, fazendo com que, basicamente, não houvessem fontes para desenvolver a pesquisa. Contudo, para além das dificuldades, há pontos de reflexão que foram gerados dentro dessas crises para o próprio amadurecimento da pesquisa de dissertação de mestrado que segue a mesma problemática da pesquisa do TCC, o estudo das mulheres trabalhadoras do setor de limpeza de prestação de serviços terceirizados.

² Esse texto será escrito em primeira pessoa, visto que se trata da costura das leituras teórico-metodológicas junto das minhas impressões sobre o que venho percebendo e refletindo ao longo da pesquisa.

O estudo busca refletir sobre o setor de terceirização na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, no tempo presente, e o principal objetivo é trazer narrativas construídas por mulheres que vivem do seu trabalho, especificamente a atuação como servente de limpeza, as quais realizam suas funções através da prestação de serviços terceirizados na UFPel. O estudo busca refletir sobre o setor na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, no tempo presente, que passa pelo entendimento da reestruturação produtiva enquanto um período e processo histórico, os mundos do trabalho na contemporaneidade e a inserção das mulheres no espaço laboral.

O modelo de terceirização é amplamente estudado pelos teóricos da atualidade e consiste na flexibilização do processo produtivo, a partir do qual as “empresas eliminam setores produtivos, administrativos ou de serviços, considerados complementares às suas atividades fins e transferem sua realização para outras empresas, concentrando-se no produto principal” (LIMA, 2010, p. 17).

Assunção (2013, p. 51), que afirma que a terceirização tem rosto de mulher, assim diz sobre este processo brasileiro:

[...] o Brasil seguiu a tendência de flexibilização e precarização do trabalho como forma de redução de custos e aumento de lucros das empresas. Com a inserção decidida do neoliberalismo no Brasil, o processo de terceirização começou a avançar de maneira significativa a partir de 1990 e passou a ser reconhecido legalmente em 1993. Os serviços que mais foram terceirizados no Brasil são os de limpeza, vigilância, e no último período houve um *boom* do telemarketing. Se compararmos com os trabalhadores formais ou efetivos, os trabalhadores terceirizados ganham cerca de um terço de seus salários (ASSUNÇÃO, 2013, p. 51).

Fica claro que várias perspectivas que analisam o trabalho, na atualidade, colocam a terceirização como nociva ao trabalhador, pois este é reduzido a uma mão de obra barata, sem muitas garantias, ou seja, sua atuação se baseia na precarização e vulnerabilidade. A ordem do dia é transformar o operariado em trabalhador precarizado, que sofre com a desvalorização e a “vulgarização” do valor do seu trabalho, pois nos:

[...] “modos de ser” da precarização demonstra a ampliação acentuada de trabalhos submetidos a sucessivos contratos temporários, sem estabilidade, sem registro em carteira, trabalhando dentro ou fora do espaço produtivo das empresas, quer em atividades mais instáveis ou temporárias, quando não na condição de desempregado (ANTUNES, DRUCK, 2015, p. 24).

Tanto nas repartições públicas, quanto nas privadas, um dos setores que vem sendo terceirizado, em sua totalidade, é o setor da limpeza. Por não ser um trabalho onde o empregado gera um produto final sólido, é um alvo fácil para que esse processo de desvalorização aconteça. É preciso se considerar, ainda, que, historicamente, os trabalhos de limpeza são praticados por mulheres³, que pela divisão sexual do trabalho, acabam, muitas vezes, atuando em ramos relacionados aos reproduzidos no ambiente familiar que, por muito tempo, não foi considerado um trabalho de fato. Para a conceitualização da noção colocada nessa pesquisa sobre divisão sexual do trabalho, o apontamento colocado por Nogueira (2011) se faz interessante. Para a autora, a divisão sexual do trabalho deve ser compreendida como as situações e relações entre homens e mulheres, que vão além das determinações biológicas, baseando-se em diretrizes e construções sociais.

[...] isso porque “homens e mulheres são mais que uma coleção de indivíduos biologicamente distintos. Eles formam dois grupos sociais que estão engajados em uma relação social específica: as relações sociais de sexo”. Enquanto tal, as relações sociais de sexo, “como todas as relações sociais, têm uma base material”, dada pelo “trabalho, e se expressam através da divisão social do trabalho entre os sexos, chamado, de forma mais concisa, de divisão sexual do trabalho” (NOGUEIRA *apud* KERGOAT, p. 16, 2011, grifos da autora).

É importante pontuar que a categoria colocada como mulheres não é homogênea. Como aponta Biroli (2018), a identidade do grupo mulheres vêm sendo modificada de maneira sistemática pelas feministas negras e pelas feministas socialistas, pelo menos desde os anos 1960. Com essa modificação, o entendimento da divisão sexual do trabalho também ganha uma expansão de análise, percebendo, então, os fatores de raça, idade, etnia, sexualidade e nacionalidade como pontos que interferem na sociabilidade. Biroli cita o exemplo da maternidade e como ela é vivida e sentida para mulheres negras e mulheres brancas:

³ Claudia Mazzei Nogueira, em seu texto “As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução”, quando esta diz que “as relações sociais de gênero, entendidas como relações desiguais, hierarquizadas e contraditórias, seja pela exploração da relação capital/trabalho, seja pela dominação masculina sobre a feminina, expressam a articulação fundamental da produção/reprodução. De certa forma, essa articulação nos remete ao binômio da exploração/opressão de gênero confirmando a nossa opção de refletirmos, sobre a divisão sócio-sexual do trabalho, tanto no espaço produtivo, quanto no reprodutivo, pois, dessa forma, temos a oportunidade de salientar as dimensões objetivas e subjetivas, individuais e coletivas existentes nessa relação. A divisão sexual do trabalho é, portanto, um fenômeno histórico, pois se metamorfoseia de acordo com a sociedade da qual faz parte. Mas, na sociedade capitalista, ainda nos dias de hoje, o trabalho doméstico permanece predominantemente sob a responsabilidade das mulheres, estejam elas inseridas no espaço produtivo ou não.” (NOGUEIRA, 2010, p. 59).

Quando se levam em consideração raça e classe, outras dimensões de maternidade são reveladas em suas conexões com a cidadania, a precariedade e a luta política. Entre as feministas negras, a mobilização da maternidade como símbolo de poder vem sendo compreendida como a reação à violência e ao racismo que oprime seus filhos, não como uma forma de ação política de menor valor ou maturidade (BIROLI, 2018, p. 37).

Biroli (2018) ainda argumenta que a ideia de que trabalho remunerado libertaria as mulheres foi vista por feministas negras como uma pauta que levava em conta a experiência de mulheres brancas. Historicamente, muitas mulheres negras assumem postos de trabalho alienante e não remunerado, como o trabalho doméstico de avós e mães solteiras e, alguns remunerados, como domésticas, lavadeira ou faxineira. Ou seja, a pauta de carteira assinada como uma conquista de direito para todas as mulheres é irreal, pois para as mulheres negras a realidade do trabalho sempre esteve presente, mas em contrapartida, quase nunca foi valorizado.

Haraway (2004) debate sobre como nas américas as mulheres negras não foram construídas como mulheres, ou seja, foram pensadas, racial e sexualmente, como fêmeas marcadas, animalizadas, sexualizadas e sem direitos. Já as mulheres brancas foram constituídas como mulheres por serem consideradas humanas, esposas em potencial, condutoras do nome do pai. No século XIX as feministas brancas notáveis eram casadas com homens brancos, enquanto as feministas negras eram propriedade de homens brancos. Desde sempre a luta por conquistas de direitos das mulheres fora construída a partir de pontos de largada desiguais.

Davis (2016) discorre sobre a necessidade de pensar a divisão sexual do trabalho de maneira diferente entre mulheres negras e brancas, pois nas senzalas a divisão de tarefas não era organizada de forma hierarquizada, já que todos cumpriam um papel e todas as funções eram importantes. Na divisão sexual do trabalho, os patrões e a classe burguesa em geral se usam de ideologias racistas e sexistas, mesmo que indiretamente, para justificar a remuneração inadequada de mulheres, sobretudo mulheres negras. Há, também, o histórico de escravização de mulheres negras como escravizadas da casa, onde estas faziam todos os afazeres domésticos, perpassando nos dias de hoje para a categoria de trabalhadoras domésticas e, também, para faxineiras – estão, aí, inclusas as trabalhadoras terceirizadas da limpeza.

A partir das reflexões trazidas pelas autoras acima, percebe-se que existem diferentes maneiras de se apresentar enquanto mulher, sendo as mulheres seres com vivências sociais diversas como mulheres negras, mulheres negras e latino-americanas, mulheres brancas, mulheres ricas, mulheres pobres, entre outras intersecções. Para o entendimento dessa complexidade, há um conceito no feminismo, estudos de gênero e história das mulheres chamado interseccionalidade, que busca entender as relações entre raça, gênero e classe. Por interseccionalidade, entende-se um conceito, ou um viés de análise, que busca correlacionar gênero, raça e classe para estudos sobre a sociedade e os agentes da história e “foi desenvolvida nos países anglo saxônicos a partir dessa herança do *Black Feminism*, desde o início dos anos de 1990, dentro de um quadro interdisciplinar, por Kimberlé Crenshaw e outras pesquisadoras inglesas, norte-americanas, canadenses e alemãs” (HIRATA, 2014, p. 62).

No presente artigo, trarei mais reflexões do que resultados de pontos que foram maturando desde os primórdios da pesquisa em 2018, até os resultados obtidos no início do ano de 2021. Como no TCC, muitas perguntas ficaram em aberto, penso ser necessário estar sempre as retomando para que, ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa, pensando na conclusão do Mestrado e no Projeto de Doutorado, eu consiga dar conta de fechar algumas delas.

Metodologia de História Oral

Em termos de metodologia de pesquisa, eu utilizo a história oral temática, pelo foco da pesquisa ser a experiência do trabalho terceirizado em si, mas as trajetórias de vida são muito valiosas para o entendimento de como essas mulheres começaram a trabalhar como terceirizadas, a história de vida delas e de suas famílias, sobretudo pensando nas mães e avós, e nas perspectivas que essas mulheres têm para o futuro. Sendo assim, se faz interessante a reflexão da história oral temática e de vida, ou seja, na metodologia e seus focos como um todo. Delgado define a História Oral como sendo

um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, atrás de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. (DELGADO, 2010, p. 15).

É necessário, para a realização da entrevista, ter em mente o que se quer saber, para saber o que se deve perguntar. Para a pesquisa sobre trabalhadoras terceirizadas, foi elaborado um roteiro básico, a partir do qual se busca levantar as informações sobre as trajetórias de vida e de trabalho dessas mulheres terceirizadas.

Trata-se de uma via de pesquisa pertinente para coletar informações e perceber traços do cotidiano, impressões sobre fatos históricos e experiências vividas. Possibilita perceber, através da análise das entrevistas, como os depoimentos pessoais podem contradizer os estudos que se concebem no campo das Ciências Humanas sobre as características nefastas do trabalho pós reestruturação produtiva, que com esta, viram algo padrão dentro do mundo do trabalho. Para os cientistas da academia tal fato é um problema social, mas para os indivíduos, que vivem desse trabalho, talvez não seja só isso. O trabalho terceirizado é uma maneira, mesmo que precária, das mulheres conseguirem uma certa autonomia financeira. A feminização do mundo do trabalho, olhando por uma lente macro, se dá por uma demanda do próprio capitalismo de se renovar, em decorrência das crises dadas após duas Guerras Mundiais. Contudo, usando de outras lentes de análise, há a agência de movimentos sociais de mulheres que pautavam o trabalho assalariado há décadas. E usando uma lente micro, o que, para um historiador ou sociólogo, pode ser as facetas prejudiciais da lógica do sistema de trazer essa mão de obra precarizada, para alguma mulher, algum caso individual, o trabalho de servente pode ser o que a tirou de uma situação de violência doméstica. Isso é uma grande questão.

A história oral apoia-se em métodos de realização de entrevistas e construção do diário de campo que, em grande parte dos casos, revela pontos muito mais interessantes que a entrevista em si. Movendo-se em terreno interdisciplinar, essa metodologia usa da memória construída como fonte principal. Traz ensinamentos e relatos da época pesquisada - quando se trata de história oral temática, onde os depoimentos buscam relatos e versões sobre fatos históricos - e sobre a época na qual o depoimento foi produzido. Portanto, trata-se de produção de fontes, onde cruzam-se intersubjetividades, inclusive do próprio historiador/pesquisador.

Para a História Oral, a memória é a principal matéria-prima de estudos e a história do tempo presente é, sem dúvida, o lugar mais visível e privilegiado para a análise do embate entre história e memória, pois a persistência do rigor científico trazido por historiadores e os desencontros que, muitas vezes, os relatos de memória

colocam a esse rigor, é o que faz o desafio ser difícil, mas rico em termos de análise e sínteses.

Para tratar das recentes transformações do mundo do trabalho, na qual a terceirização se localiza, é necessário historicizar o processo de reestruturação produtiva no Brasil e a formulação do ideário neoliberal, pensando nesses acontecimentos como pertencentes à história do tempo presente. A história do tempo presente coloca a problemática de se saber como o presente é construído a partir do tempo e na intersecção do presente e da longa duração (DOSSE, 2012). É interessante ter em mente que o estudo sobre esse tempo histórico aproximado do tempo em que o estudo se desenvolve é pensado a partir do processo histórico do qual o capitalismo vem passando ao longo do século XX até seus meados, bem como em todas as décadas do século XXI.

Como é feita a realização de entrevistas com as mulheres trabalhadoras terceirizadas do setor de limpeza, a fim de perceber as trajetórias de vida e de trabalho dessas mulheres, é interessante ter como ponto de vista o testemunho com um olhar de gênero, pois este termo:

no es solo un concepto. Es una parte fundamental de la experiencia de los sujetos y constituye un atributo esencial entre aquellos nos interpelan y construyen día a día como tales. Determina nuestras prácticas cotidianas y nuestra manera de ser y estar en el mundo. Adoptar como perspectiva de escucha al género, implica una relectura de los textos de la cultura, en especial el corpus documental sobre el que trabajamos, los testimonios, para ver de qué modo son puestos en tensión (BACCI, OBERTI, SKURA, 2012, p 43).

Patai (2010) coloca que três categorias conceituais são essenciais para organizar e pensar as percepções históricas no Brasil: o gênero, a raça e a classe. Contudo, a autora afirma que ela, bem como os demais entrevistadores, precisa estar atenta e sensível ao clima do encontro e a maneira pela qual o indivíduo entrevistado se porta e se envolve com a situação.

Delgado traz a conceitualização de trajetórias de vida como uma categoria de subanálise da história oral de vida e da coleta qualitativa, onde a singularidade é priorizada. Essa conceitualização é muito importante e útil para minha pesquisa, visto que a questão das trajetórias é um ponto central na construção das narrativas com as pessoas entrevistadas. A autora coloca que “as histórias de vida são fontes primorosas na reconstituição de ambientes, mentalidades de época, modos de vida e costumes de diferentes naturezas” (DELGADO, 2010, p. 22). A entrevistas de

trajetórias de vida costumam ser mais delicadas e mais longas, pois como a principal questão a ser sanada é algo desconhecido parcialmente ou completamente pelo pesquisador, é necessário um domínio maior de ritmo de entrevista, entender o *timing* para a realização de perguntas, e a controle em ouvir os relatos sem intervir, deixando que o depoente se sinta à vontade para explicitar suas opiniões e vivências “despertando [no entrevistado] o desejo de significar experiências vividas, que não retornam mais” (DELGADO apud GROSTI e FERREIRA, 2010, p. 30). Sendo assim, a gravação da entrevista é o momento auge prezado pela metodologia, pois é a gravação em si que torna a pesquisa palpável e científica, como constam em variados manuais, como o “Manual de história oral”, de Alberti (2013), bem como o “Manual de história oral” de Meihy.

Alberti (2004) teoriza sobre a pesquisa de experiências histórias e a importância destas para a História Oral. A autora coloca que realizações de entrevistas de história oral podem ser usadas no estudo da forma como as pessoas e grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo as situações de aprendizagem e decisões estratégicas, entendendo, então, como os grupos e pessoas experimentaram e experienciaram o passado.

Meihy (1998) discorre sobre a história oral de vida, e coloca que o depoente é soberano em revelar e ocultar personagens e situações de sua narrativa, e que uma das alternativas dessa ramificação da história oral é a de dar dimensão aos aspectos pouco revelados em outros tipos de narrativas, bem como as expectativas, frustrações, traumas, medos, e demais traços subjetivos que o narrador carrega consigo.

De acordo com Patai (2010) o ato de contar uma história de vida envolve uma racionalização do passado conforme ele é projetado e levado para o presente. Uma versão especial da história de vida de alguém pode tornar-se um componente essencial do senso de identidade desta pessoa. A partir do depósito de memórias e reações possíveis estimuladas pela situação de entrevista, o entrevistado seleciona e organiza certos temas, episódios e lembranças, então comunicados de maneira particular e organizado com seu sentido próprio e, sem dúvida, a memória em si é gerada e estruturada de maneira específica.

No contexto pandêmico que vivemos desde o início do ano de 2020 no contexto brasileiro, foi necessário, para todos os pesquisadores que usam da

metodologia de história oral, parar e refletir sobre o que tínhamos como inquestionável, a questão da necessidade de realizar entrevistas ao vivo, com um olhar sensível aos gestos, olhares, silêncios e empolgações, as interferências do local da entrevista, as possíveis interrupções, basicamente

um princípio tácito parece orientar a discussão metodológica no campo da história oral: a entrevista seria o encontro de duas subjetividades, de dois conjuntos de saberes, de dois repertórios linguísticos, etc., mas inclusive – e no meio de tudo isso – o encontro presencial de dois corpos. (SANTHIAGO, MAGALHÃES, 2020, p. 3).

Uma Pesquisa, Uma Trajetória

Ao longo da pesquisa de TCC a principal dificuldade que se colocou foi em realizar entrevistas gravadas com as trabalhadoras terceirizadas, e isso revelou, de maneira inesperada, um dos principais traços da precarização do trabalho: o medo. Medo de ser demitido, de ser perseguido, de conversar com seus colegas, de conversar comigo. “O medo sempre esteve presente no ambiente laboral. A empresa sempre foi um ambiente estressor” (CASTELHANO, 2005, p. 15) mas nessa fase de instabilidade geral no mundo do trabalho, isso se intensifica e vira algo sistêmico. Por mais que, em termos metodológicos, o resultado do TCC tenha sido afetado, o principal dado recolhido da pesquisa de campo ser o “medo”, em diversos âmbitos, só mostrou o quanto estudar sobre terceirização e suas consequências é uma tarefa de grande importância para as pesquisas sociais e humanas, e esse ponto justificou e justifica a insistência nesse tema de pesquisa, agora no Mestrado.

Em 2018 conheci Rosa⁴, uma trabalhadora terceirizada que, naquele ano, era alocada no prédio da Faculdade de Agronomia (FAEM) da UFPel. Com Rosa, nossas primeiras conversas correram bem. Ela comentou que antigamente trabalhava em outro departamento, e que agora estava ali (no de Solos) e em meio a conversa, comentou sobre existirem professores que “*são meio chatos*”⁵, em relação aos laboratórios. Falou, quando disse que fica no prédio da prefeitura nos horários de almoço, dando a localização para eu encontrá-la, que os trabalhadores terceirizados

⁴ Rosa, Violeta, Orquídea, Tulipa e Jasmim são pseudônimos para as narradoras e mulheres citadas por estas, a fim de preservar as identidades originais

⁵ Os fragmentos de narrativas serão grifados em itálico para fins de diferenciação de citações bibliográficas.

do prédio tinham uma salinha no primeiro andar que foi retirada, complementando que “*eles [os chefes] tão tirando tudo*”. Foi avisada que a entrevista seria gravada e concordou com o procedimento.

A entrevista se deu no dia 20 de junho de 2018 e, minutos antes de começar a entrevista, quando perguntei se ela preferia ocultar seu nome [na época, como era o início da pesquisa de TCC, ainda não tinha definido que todas entrevistadas que trabalham como terceirizadas teriam seus nomes originais trocados por nomes fictícios], ela assim comentou: “*essa empresa é muito assim ó... não pode mesmo*” [pois, antes, comentou que não queria o nome registrado porque a empresa “*por qualquer coisinha demite*”]. Quando comecei a entrevista, por algum motivo Rosa ficou surpresa quando ativei a gravação. Ela disse que não lembrava que eu tinha avisado que seria uma entrevista gravada, sendo que deixei claro na nossa primeira conversa que seria, que usaria o celular para não usar uma aparelhagem mais invasiva, mas que precisava gravar. Anteriormente ela não havia mostrado nenhuma ressalva, porém no dia da gravação estava claramente insatisfeita e com medo, o que fez com que mudasse e ocultasse informações que há minutos antes tinha falado o contrário, deixando suas falas um tanto titubeantes. Toda a entrevista se deu de maneira tensa, pois me pegou desprevenida o fato de que ela pensou que não teria gravação. Fiquei desestabilizada e isso afetou consideravelmente o ritmo da conversa.

Em 2019, numa aula no seminário intitulado Memória, Identidade e Construção de Narrativas, uma disciplina optativa do Programa de Pós-Graduação em História da UFPel, uma colega chamada Elisabeth comentou que tinha amigas que trabalhavam ou, ao menos, já tinham trabalhado como terceirizadas na UFPel, e que poderia me passar os contatos destas sem maiores problemas. Eu prontamente aceitei e, no dia 27 de fevereiro de 2020, logo depois de passado as férias acadêmicas e o carnaval, eu resolvi construir diálogos com essas mulheres, tentando quebrar as barreiras e conseguir alguma entrevista. E deu certo. Logo no dia seguinte, Violeta me concedeu uma entrevista que durou um pouco mais de meia hora na frente do Campus Anglo, nas sombras das árvores de jamelão.

Logo de início perguntei o porquê de Violeta ter se prontificado, sem maiores problemas para fazer a entrevista, ao que ela respondeu: “*porque a Beth me pediu, sabe, a Beth foi uma pessoa muito boa comigo quando eu estava aí dentro, foi uma das pessoas que eu mais me identifiquei dentro, porque tem uns que te olham até de*

cara torta”. A conversa correu de maneira inesperadamente tranquila, mas Violeta deixou muito claro que não havia problemas, nem em dizer das situações que passou, nem de permitir a gravação da conversa. Ao explicar um pouco sobre minha pesquisa, e dizer que havia encontrado dificuldades em outros momentos com outras tentativas de entrevistas, pelas outras mulheres terem medo de serem gravadas, ela disse:

[Não falam] por medo de ir pra rua. Mas mesmo se eu tivesse, eu ia falar igual. porque não... como diz a outra, eu não sou de passar a mão por cima, sabe? Aconteceu, aconteceu. Se eu tivesse aí dentro eu ia falar igual, não quero nem saber.

216

Senti durante todo nosso encontro que ela tinha a necessidade de contar, e até de denunciar situações, pelas quais havia passado, quando trabalhou nos espaços da UFPel, sobretudo no Campus Anglo. Nas palavras dela:

Bom, vou te dizer assim, tô desempregada, me oferece qualquer coisa, menos pra mim voltar pra cá [se referindo ao Anglo]. Isso aqui é um inferno trabalhar aqui. Qualquer outro prédio, nos outros que eu tive, é tranquilo. agora aqui... é um horror.

Curiosa em saber um pouco mais sobre a situação informada por ela eu pergunto se acha que a situação é mais tensa, tendo em vista a reitoria estar nesse prédio, ao que ela me responde:

e tu acha que piora por ser na reitoria? Ter a reitoria perto?

Ela respondeu:

é que é um prédio onde fica todos os poderoso chefão, entendeu? Ali tá todos eles unidos, então ali tem muito mais olho pra te cuidar, muito mais gente pra puxar o saco, sabe?

O trabalho terceirizado aqui é entendido, conforme já dito, como a precarização do trabalho e da vida das pessoas que vivem da sua força de trabalho. Violeta em sua narrativa conta um pouco de seu quadro debilitado de saúde, no momento que pergunto sobre seu dia a dia:

Era serviço, minha filha! Porque, eu não sei se tu sabes, já que tu tá fazendo a pesquisa agora, porque mudou também que agora era tantos metros por cada pessoa, entendeu? Aumentou o serviço e diminuiu os funcionários. Então quer dizer, quando eu peguei nessa firma, na SulClean, eu já tinha o problema que eu tenho no túnel do

carpo⁶ nas duas mãos, e eu já tinha feito cirurgia na mão direita, então por ser sobrecarregada de serviço, eu piorei. Então quer dizer, a cirurgia não adiantou de nada, por isso que eu fui parar no INSS, então era de tudo que tu fazias, até essas janelas aí oh, do quarto andar nós limpava, tá? Claro, a gente não passava pra fora, mas tinha que dar um jeito de ser limpa...

Entre vários aspectos interessantes da entrevista com Violeta, um ponto alto é quando ela trouxe, para sua narrativa, as questões de escolaridade, bem como as familiares, pois relata que sua vó, mãe e tia trabalharam como operárias no antigo frigorífico Anglo, que funcionou até meados de 1980, justamente no prédio que hoje abriga a reitoria da UFPel.

Ela diz que não tem o Ensino Fundamental completo, e que isso fez com que acabasse trabalhando como faxineira em grande parte de sua vida. Violeta conta que começou a trabalhar no ramo porque:

foi o que surgiu, né? Uma porque eu não tinha estudo, como que eu vou escolher emprego, (inaudível) uma que eu não tenho estudo, como que eu ia tá escolhendo emprego, e aí o primeiro serviço que eu peguei foi na rua, na Delta, que era na varreção da rua, eu tinha os guris tudo pequeno, tinha que comer também, né?

Lisboa (2004) aponta que a categoria de trabalhadoras domésticas se aproxima das trabalhadoras de limpeza de ramo terceirizado, pela noção de trajetórias ocupacionais de mulheres. A escassa mobilidade social e a permanência efetiva em funções consideradas de baixo prestígio fazem com que muitas mulheres comecem a trabalhar entre 12 e 14 anos cuidando crianças, ou como empregadas domésticas, em alguns casos apenas trocando o uniforme, quando mais velhas, para seguir as funções como faxineiras ou serventes de limpeza. A principal causa que dificulta a mobilidade social e ocupacional dessas mulheres é o baixo nível de ensino [...] pois algumas só sabem escrever o nome” (LISBOA, 2004, p. 164).

Orquídea é uma trabalhadora terceirizada do prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb) da UFPel e nosso primeiro contato direto se deu no seu local de trabalho, no ano de 2018. Ela estava, naquele momento, varrendo o saguão do prédio e foi então que cheguei me apresentando. Ela estava um pouco

⁶ Síndrome do túnel do carpo é uma neuropatia resultante da compressão do nervo mediano no canal do carpo, estrutura anatômica que se localiza entre a mão e o antebraço. A síndrome provoca dormência, formigamento e é causada principalmente por lesões relacionadas a esforço repetitivo. Reportagem contida no site do Dr. Drauzio Varella. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-do-tunel-do-carpo/>. Acesso em: 28 fev. 2020.

receosa e imaginei, num primeiro momento, que era por não me conhecer, mas disse que aceitava dar a entrevista. Fiquei de voltar no outro dia, no horário do meio dia, para construirmos a narrativa.

No outro dia eu retornei à FAUrb. Fui ao encontro dela no local que marcamos, na cozinha do prédio, avistei ela ainda limpando uma sala de aula, e então me aproximei. Ela disse que naquele dia não iria acontecer, pois tinham ficado salas de aula atrasadas que teriam aulas em breve. Então, sem eu comentar nada, falou que era para nós entrarmos para a sala, pois era melhor que não nos víssemos juntas. Fiquei surpresa e perguntei o porquê, ela comentou que estava sofrendo perseguições de suas colegas. Supostamente, entraram novas faxineiras no prédio, e estas “*estavam de marcação em cima dela*”, como ela mesma disse. Ficou claro, naquele momento, o porquê de ter ficado apreensiva quando me dirigi a ela no prédio no nosso primeiro contato. Marcamos de nos encontrar na padaria “A Popular”, que se localiza nos arredores do prédio do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da UFPel, no dia seguinte.

No encontro ocorrido na padaria, conversamos sobre muitas coisas, mas logo no início comentei que para a entrevista em si, eu precisava gravar. Então, ela disse que ficava complicado, pois tinha medo de sofrer retaliação de suas colegas que já estavam a hostilizando. Comentou que “*se cai nas mãos delas, aí que vão me judiar*”⁷. Então, seguimos conversando sem o gravador.

Orquídea relatou que, além de perseguição a ela e a outras trabalhadoras mais antigas do prédio e do Centro de Artes, havia diferença de critérios entre os trabalhos. Dela, eram feitas mais cobranças na eficiência de seu serviço, mas para outras havia concessões, como fumar no pátio, ter intervalos no meio do expediente e assim por diante. Perguntei a ela se tinha alguma desconfiança em saber o porquê disso acontecer, se essas mulheres tinham algum tipo de conchavo com a chefia, se ganhavam algum privilégio diferenciado. Ela disse que não sabia de nada, mas que de um tempo para cá o ambiente tinha ficado muito complicado.

⁷ Judiar significa “escarnecer, fazer sofrer, atormentar, maltratar”. O verbo judiar é formado de “judeu” mais o sufixo “iar”. É, portanto, um verbo de carga depreciativa, pois seria “tratar como os judeus foram tratados”, ou seja, “maltratados como os judeus. Reportagem contida no site do G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/conheca-a-origem-do-verbo-judiar.html#:~:text=Judiar%20significa%20%E2%80%9Cescarnecer%2C%20fazer%20sofrer,%E2%80%9Cmaltratados%20como%20os%20judeus%E2%80%9D>. Acesso em: 16 abril 2021.

Na entrevista feita com Violeta, essas diferenciações de tratamento também apareceram:

Eu: então as condições de trabalho eram... mais ou menos?

Violeta: era assim oh, tu faz e faz e não tinha outra opção (risos) ou tu faz, ou tu faz. Claro né, tu tá ali pra trabalhar, não vou dizer que tu vai vir pra cá te sentar, tu tá ali pra trabalhar, só que também existia aquela coisa de passar a mão por cima, entendeu? De alguém sabe... tinha a panelinha, sabe, que tu via dentro da... dentro da terceirizada. com os próprios funcionários. Tinha a panelinha que tu procurava, tavam todos escondidos tomando mate enquanto os outros tavam ali, ralando. É e era ela mesmo a que fazia o ajuntamento ali na pecinha [se referindo a supervisora], se encerrava e a gente batia pra pedir uma luva, alguma coisa, aí batia e ninguém atendia, claro, porque tavam tudo tomando mate, entendeu?

Eu: os supervisores ficavam em cima sempre?

Violeta: a supervisora, olha, vou te contar. horrorosa, horrorosa. Sempre em cima, e aí eu peguei ela mandando, ela mandou um guri daqui lá pro Prédio da Cotada, e disse pro guri assim "tira foto, eu quero fotos". (...) não, e daí ainda botava os outros, entendeu. a fazer o serviço dela. A chave do depósito mesmo pra pegar material ela sempre entregava pra um, sendo que era serviço dela. E aí sempre tinha que ficar um ou outro, inclusive hoje tem a _____⁸ aí, que é a que fica com a chave do depósito pra entregar o material de limpeza, coisa que é ela que tinha que tá aqui pra entregar.

Quando eu perguntei para ela sobre alguma memória mais marcante que ela entendesse como preconceito ou discriminação de classe, ela respondeu isso:

uma coisa que me aconteceu, não foi só comigo, foi com todos aí dentro, foi que a gente foi proibido de comer na cozinha. Sendo que a cozinha é popular, é pra todos, tá? Mas aí foi a firma, a Sul Clean que proibiu nós de tomar café, ah é, o café nós não podia tomar, agora lembrei, nós tomava escondido. Se tomasse café, era advertência. Café tinha que tomar na tua casa antes de sair. Aí tu pegava as sete, soltava meio dia, aí tu imagina sete horas sem comer nada, tá? Aí nós fomos proibidos de comer na cozinha. Aí vamos comer embaixo das árvores então, né, já que não podemos comer na cozinha. Mas aí foi feito, começamos a passar por cima, por esses que a gente mais se dava, sabe? Os grandão aí dentro, aí chegou no Reitor e o Reitor expediu uma nota dizendo que a cozinha era popular, era de todo mundo, e que nós tava... que era pra nós almoçar ali se fosse preciso, fazer as refeição ali, até colaram uns cartazes e deram uma cópia pra cada um dos funcionários. Mas é essa firma que tá aí que queria proibir nós de comer. Então quer dizer, é separar o pobre do rico, né. É discriminação isso aí. Não é porque tu tá ali limpando que tu é um bandido, um marginal.

⁸ O nome citado será preservado.

Logo em seguida da realização da entrevista com Violeta, a pandemia de COVID-19 que abateu o planeta fez com que no dia 15 de março de 2020 todos se obrigassem a ficar em casa, com as aulas suspensas, fazendo com que houvesse uma pausa nos trabalhos de pesquisa que estavam em andamento. Até tudo entrar minimamente nos eixos, eu estava pensando que não seria mais possível seguir os trabalhos normalmente, fazendo as entrevistas com os rigores metodológicos e a pesquisa de campo. Colocou-se uma situação de isolamento social quando possível, e distanciamento social, uso de máscara e pouco contato e calor humano. Mas, mesmo com tudo, os prazos dos programas de pós-graduação não foram modificados, assim que possível os eventos, simpósios e congressos retomaram em modelo on-line, ou seja, mesmo que nenhum pouco em situação normal, as atividades não pararam, e a demanda pelas teses, dissertações e pela produção acadêmica não parou, fazendo com que algumas “leis” metodológicas fossem adaptadas para o contexto.

Nesse sentido, sendo eu ingressante no mestrado no ano de 2019, em 2020, de alguma forma, precisei fazer com que minha pesquisa se realizasse. Para tal, realizei algumas entrevistas on-line com trabalhadoras terceirizadas, com um gestor da UFPel responsável pela administração dos contratos com as empresas terceirizadas e com pessoas que de alguma forma podiam me dar alguma perspectiva, informação ou relato de uma situação vivida, desde os anos 1990 até os dias de hoje, contribuindo para construir o período histórico no qual a terceirização começa a ser presente na vida dos brasileiros.

Tudo foi muito novo e experimental, mas entre novembro e dezembro de 2020 realizei seis entrevistas, sendo apenas duas presenciais. Uma questão se revelou muito interessante a partir dessa experiência: as entrevistas feitas de maneira virtual foram mais ricas em detalhes, mais longas e as entrevistadas pareceram se sentir mais confortáveis. Jasmim⁹, uma das entrevistadas nesse período pandêmico, cita que “*se fosse ao vivo, eu só ia responder o que tu me pergunta e deu, não ia ter muita conversa...*”¹⁰. Isso gera algumas reflexões, como pensar que, como o público das

¹⁰ As citações retiradas das transcrições das entrevistas e das falas retiradas do diário de campo serão grifadas em itálico.

minhas entrevistas são de pessoas simples, trabalhadoras comuns com histórias comuns (sem dizer com isso que são histórias simples, sem importância, sem complexidade) a função do encontro, da gravação, das formalidades, acaba por inibir a fala, por envergonhar as narradoras, por fazerem com que elas achem que não é interessante me contarem as coisas como elas querem contar. Não me ver, não ver o gravador, faz com que, talvez, elas conversando pelo celular, em suas casas, algumas com apoio dos filhos no trato das tecnologias, não houvesse uma diferença tão grande entre quem pesquisa, quem pergunta e quem, de certa forma, traz importunação sobre essa prática. É como se pudessem, com liberdade, contarem suas histórias, sem se sentirem diferentes por ocupar um cargo de trabalho historicamente subalternizado, cumprindo o papel de servir, de limpar, um trabalho invisível, mas indispensável.

Conclusões

Muito provavelmente essa pesquisa se encontra em sua primeira etapa de maior amadurecimento, haja visto que as pesquisas com o uso da metodologia de história oral costumam ser mais longas e os processos de análise se dão no seu tempo. Indo a passos lentos, posso dizer que fiquei extremamente contente em realizar as entrevistas, virtuais e presenciais. A entrevista com Violeta, realizada dias antes do isolamento social, foi praticamente um combustível para a pesquisa seguir mesmo com os rearranjos, já que ela foi uma narradora que se mostrou muito disposta a contar sua experiência de trabalho. Essa entrevista deu fôlego a continuidade dos trabalhos para mostrar que, por mais difícil, essa pesquisa é possível de acontecer, e que é sobretudo necessária, pois aceitando a gravação ou não, o fato é que todas essas mulheres vivem e sobrevivem nessas condições de trabalho com as palavras de inquietação “entaladas na garganta”.

A partir da minha experiência, percebi que, de alguma forma, conversar virtualmente fez com que algumas palavras fossem mais fáceis de serem ditas, que algumas perguntas feitas por mim foram mais fáceis de serem respondidas, como se o ambiente virtual fornecesse alguma proteção a pessoas tão desprotegidas.

O uso de entrevistas de história oral demanda um tempo muito próprio para que as informações amadureçam. Sempre que leio os fichamentos e escuto os áudios, detalhes diferentes e novos acabam vindo à tona. Isso é ótimo, pois há várias

informações para explorar, mas às vezes faz com que nós, pesquisadores, tomemos um cansaço em querer atar todas pontas soltas. Mas em nenhum momento reclamo disso, ouvir as histórias e construir as narrativas faz com que cada vez mais eu veja sentido nos estudos de história, veja a importância da história social do trabalho e faça com que eu queira mergulhar cada vez mais nesses temas.

Artigo recebido em 5 de abril de 2022.

Aprovado para publicação em 22 de setembro de 2022.

222

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Edição 3ª, Rio de Janeiro, FGV, 2013, p. 1-236.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: textos em história oral**. Edição 1º, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 1 – 196.

ANTUNES, Ricardo; DRUCK, Graça. “A terceirização sem limites: a precarização do trabalho como regra”. **O Social em Questão**: ano XVIII, nº 34, Rio de Janeiro, 2015, p. 19 – 40.

ASSUNÇÃO, Diana (Org.). **A precarização tem rosto de mulher: a luta das trabalhadoras e trabalhadores terceirizados da USP**. Edição 2º, São Paulo: Iska, 2013, p. 1 – 178.

BACCI, Claudia; OBERTI, Alejandra; SKURA, Susana. “Testimonios en archivos: nuevas perspectivas”. **História Oral**, v. 15, n. 2, Rio de Janeiro, 2012, p. 33-49.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. Edição 1º, São Paulo: Boitempo, 2018, p. 1 – 227.

CASTELHANO, Laura Marques. “O medo do desemprego e a(s) nova(s) organizações de trabalho”. **Psicologia & Sociedade: Associação Brasileira de Psicologia Social Minas Gerais**, vol. 17, núm. 1, Minas Gerais, 2005, p. 14-20.

COSTA, Cléria Botelho da. “A escuta do outro: dilemas da interpretação”. **História Oral**, v. 17, n. 2, Rio de Janeiro, 2014, p. 47-65.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Edição 1º, São Paulo: Boitempo, 2016, p. 1 – 248.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: Memória, Tempo, Identidades**. Edição 2ª, Belo Horizonte, Autêntica, 2010, p. 1 – 136.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Tempo e Argumento**. Florianópolis, v.4, n. 1, jan/jun. 2012, p. 5-22.

HARAWAY, D. “‘Gênero’ para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra”. **Cadernos Pagu**, n. 22, São Paulo, 2016, p. 201 – 246.

HIRATA, Helena. “Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais”. **Tempo Social: revista de sociologia da USP**, v. 26, n. 1, São Paulo, 2014, p. 61 - 73.

Jasmim. **Trabalhadora terceirizada. Entrevista concedida a Caroline Cardoso da Silva**. Realizada na plataforma virtual WebConferência, sala de aula virtual da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

223

LIMA, Jacob Carlos. A terceirização e os trabalhadores: revisitando algumas questões. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2010, vol. 13, n. 1, pp. 17-26.

LISBOA, Teresa Kleba. “Um olhar por baixo do tapete: mulheres terceirizadas”. **Mulher e trabalho**, v. 4, Porto Alegre, 2004, p. 161 – 168.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Edição 5ª, São Paulo: Loyola, 2055, p. 1 – 78.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **O trabalho duplicado: a divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing**. Edição 2. São Paulo, Expressão Popular, 2011, p. 1 – 205.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. “As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução”. **AURORA**: Ano IV, n. 6, São Paulo, 2010, p. 59 - 62.

PATAI, Daphne. **História oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 1 – 163.

Rosa. **Trabalhadora terceirizada. Entrevista concedida a Caroline Cardoso da Silva**. Realizada no Campus Capão do Leão – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. “Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância”. **Anos 90**, v. 27, Porto Alegre, 2020, p. 1 – 18.

Violeta. **Antiga trabalhadora terceirizada do Campus Anglo. Entrevista concedida a Caroline Cardoso da Silva**. Realizada na frente do Campus Anglo. Pelotas, 2020.